

A ILUSTRAÇÃO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA:

Harry Clarke

Teresa Midori Takeuchi
alessandranaomi@uol.com.br
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Resumo:

Esta pesquisa consiste em um estudo sobre a vida e obra do artesão e artista irlandês Harry Clarke e a sua habilidade em lidar com suportes diferenciados, inicialmente com a pintura em vitrais e, depois, com a ilustração de contos literários, sem abandonar o trabalho com os vitrais. Com isto, investiga-se a capacidade de criação de um artista plástico, a habilidade do profissional gráfico na ilustração em busca de reconhecimento como artista. Atualmente, existem as figuras do ilustrador célebre e do técnico em *design* anônimo que assumem o desafio de dialogar com o texto literário e com o leitor. Assim, enquanto o artista visual trabalha com as artes gráficas, os ilustradores são mistos de comunicadores visuais e artesãos, que procuram conquistar os seus espaços no mercado de consumo da indústria cultural.

Palavras-chaves: Harry Clarke; ilustrações na produção literária; pintura em vitrais; narrativas visuais.

Abstract:

This research consists of a study on the life and workmanship of the craftsman and artist Harry Clarke, born in Ireland, and its ability in dealing with differentiated supports, initially with the painting in vitrais and, later, with the illustration of literary texts, without abandoning the work with the vitrais. With this, it is investigated the capacity of creation of a plastic artist, the ability of the graphical professional in the illustration in his search for recognition as artist. Nowadays, exist the figures of the ilustrador celebrated and the anonymous technician in design that assume the challenge to dialogue with the literary text and the reader. Thus, while the visual artist works with the graphical arts, the illustrators are a mixing of visual communicators and craftsmen, that seach to conquer its spaces in the market of consumption of the cultural industry.

Keywords: Harry Clarke; illustrations in the literary production; painting in vitrais; visual narratives.

A necessidade de se estudar este tema surgiu a partir do questionamento da perda do espaço das ilustrações na linguagem gráfica destinada ao público juvenil e adulto nos livros nacionais e estrangeiros. Podemos citar como exemplos imediatos, a obra de Homero – *Odisséia*, com diversos tipos de ilustrações, da edição Melhoramentos (1962) e a comparação entre uma edição (1955) da Cia. Brasil Editora, Rio de Janeiro, da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, magnificamente ilustrada por Gustave Doré e outra edição, esta recente (1998), da Editora 34, São Paulo, mesma obra, bilíngüe, mas sem uma ilustração, apenas um pequeno desenho na capa.

Com esta observação, constata-se que o código verbal escrito é predominante nas obras clássicas, fato que acentua nos livros voltados ao público juvenil ou adulto, com predominância do texto escrito sobre o código visual (ilustrações). Um dos motivos quanto ao escasso espaço reservado para as ilustrações talvez se deva à

visão adotada pela maioria dos produtores de livro de que para conquistar a clientela adolescente ou adulta, basta a linguagem verbal para difundir obras literárias. Ou seja, o escritor ou o poeta tem uma autonomia tal que a ilustração pode até desfavorecer a venda do livro, por encarecer o seu custo. A não ser que o escritor seja ao mesmo tempo ilustrador e que conceba o livro com esses dois componentes: o texto literário como linguagem visual.

A partir dessas observações, levanta-se a hipótese de que a função da literatura com a ilustração foi transposta para outros veículos de comunicação, tais como a TV, as histórias em quadrinhos, o teatro, a música¹ e mais recentemente a web.

Estas particularidades poderiam contribuir para a perda do espaço das ilustrações nas edições destinadas ao público juvenil ou adulto. Por outro lado, a indagação não termina aí; o artista plástico como ilustrador também exige um estudo no seu processo de autonomização no campo artístico em relação ao literário. Com o surgimento de novas tecnologias, é natural que a mais nova faça repensar a anterior, sendo que o livro, neste contexto, tornou-se um meio “lento” de transmissão de informação, além de ficar pouco atraente, obrigando os editores a repensarem os projetos atuais com rigor e critério. Nesse sentido, as ilustrações com qualidade artística poderiam voltar a ser aquele elemento diferenciador para a atração de novos leitores.

Portanto, como estudo de caso este trabalho propõe traçar a biografia de Harry Clarke a fim de debater a relação entre a sua produção gráfica e a literatura, ao mesmo tempo dialogando com o caráter profano x sacro nas suas pinturas em vitrais e a sua habilidade em transitar entre as duas linguagens e suportes artísticos. É interessante ressaltar que o seu primeiro trabalho, de caráter religioso, o tornou consagrado em seu país. Como ilustrador, Clarke dialogou com um mercado de consumo da indústria cultural. Essa sua necessidade de um novo referencial e um novo suporte, exige uma melhor compreensão desse fenômeno da indústria cultural. No contexto da sociedade de consumo, esse fenômeno é verificado na segunda metade do século XIX, quando artistas colaboram ativamente na realização de livros para ilustrar textos literários.

Harry Clarke era conhecido como artesão de vitrais do início do século XX em seu país. Ou seja, mesmo como artesão, Harry Clarke saiu do anonimato ao expor os seus vitrais pintados nos salões de arte, ganhando prêmios e bolsas de estudos. Esta particularidade em sua carreira o projetou como ilustrador, possibilitando o reconhecimento de um editor para o seu talento, dando-lhe a oportunidade de exercer a sua habilidade de desenhista ilustrador também no suporte da arte impressa.

Harry Clarke (1889 - 1931) nasceu em Dublin, Irlanda e pouco se conhece deste artista no Brasil. Seu pai também foi um artesão que também produziu vitrais, por isso Harry foi capaz de receber formação na arte desde a mais tenra idade. Educado primeiro na Marlborough Street School e, em seguida, pelos jesuítas no Belvedere. Estudou também por um curto período em Londres. Ele deixou a escola em idade de catorze e passou a trabalhar com o pai, Joshua Clarke, que tinha o seu próprio negócio como decorador de igrejas. Harry, enquanto trabalhava, custeava seus estudos na Escola de Arte. Depois de ter conquistado uma Bolsa de estudos na Metropolitan School of Art de 1910-1911 pela exposição da pintura em vitral - *A Consagração de St. Mel de Longford, por St. Patrick.*, ganhou a medalha de ouro por seus trabalhos em vitrais por três vezes.

Harry Clarke, artesão e ilustrador, ao mesmo tempo em que gerou um produto



O Rouxinol

cultural voltado para o público infanto-juvenil e adulto, produziu obras de caráter religioso que conservam a “aura” de valor único (Benjamin, 1996), como no caso dos vitrais de igrejas.

É interessante ressaltar a maneira pela qual este artista manteve a conexão entre diversas vertentes criativas, extraídas da pintura e da literatura, enriquecendo a sua produção, como podemos confirmar na ilustração do conto *O Rouxinol* (1916), de Christian Andersen.

Harry Clarke, artesão e ilustrador, ao mesmo tempo em que gerou um produto cultural voltado para o

público infanto-juvenil e adulto, produziu obras de caráter religioso que conservam a “aura” de valor único (Benjamin, 1996), como no caso dos vitrais de igrejas.

É interessante ressaltar a maneira pela qual este artista manteve a conexão entre diversas vertentes criativas, extraídas da pintura e da literatura, enriquecendo a sua produção, como podemos confirmar na ilustração do conto *O Rouxinol* (1916), de Christian Andersen. Seu trabalho, no entanto, tem sido negligenciado pelos historiadores, uma vez que a maior parte da atenção voltada para o renascimento cultural irlandês do século XX tem-se dirigido somente para seus expoentes literários. Por outro lado, ilustradores da mesma época tornaram-se conhecidos, como os ingleses Walter Crane e Arthur Rackham, o francês Edmund Dulac ou então o dinamarquês Kay Nielsen.

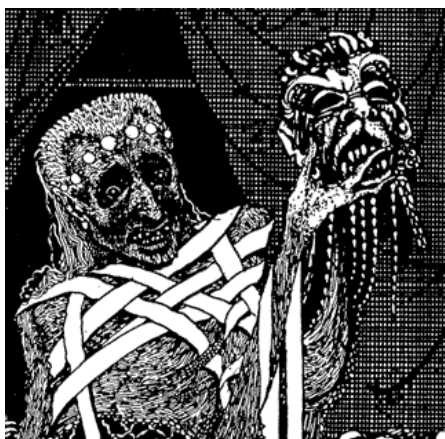
H. Clarke chegou a ilustrar alguns contos de Edgar Allan Poe, publicado em 1919 e *Fausto*, de Goethe (1925) que até hoje nos impressionam por sua criatividade e ricas texturas o impacto causado pela maestria com que lida com as tonalidades do preto.

Suas vestimentas são ricamente estampadas suas imagens esguias, incorporando-as na paisagem ou na decoração detalhadamente ornamentadas com texturas. Segundo Nicola Gordon Bowe (1994)², como um simbolista irlandês, seu trabalho é análogo com os dos seus amigos, William Butler Yeats, George William Russel e James Joyce.

Os vitrais de Harry Clarke, produzidos no final do século XIX e começo do século XX, buscavam ser apreciados tanto pela sua finalidade religiosa quanto por seus valores cromáticos e a beleza das janelas iluminadas, cultivando uma atitude de contemplação e de recolhimento no ambiente de culto. Seu estilo retratado nos desenhos de santos e figuras eclesiásticas nos vitrais foi conservado quando o artista decidiu ser ilustrador, paralelamente à atividade de vitrais. Ao ilustrar os contos de fadas Andersen, ofereceu essas ilustrações para diversas editoras, sendo aceito por um editor inglês, Harrap, que reconheceu o valor de seu traçado.

A partir daí verificaremos que a escolha de Harry Clarke por um novo suporte e uma nova poética não foi adotada de uma hora para outra e de maneira tranqüila. Pelo contrário, trava-se o conflito entre o mundo inteligível e sublime (a representação de inspiração sacra nos vitrais) versus o mundo sensível e profano (a

representação de imagens ou ilustrações relacionadas aos textos literários). Essa forma de expressar é encontrada, por exemplo, nas séries narrativas visuais realizadas nos vitrais - *As vésperas de Santa Inês*, evocando o poema de John Keats. Suas obras sintonizam no contexto de época, inspiradas na ideologia de John Ruskin, crítico inglês defensor da Irmandade prerrafaelita. Esses motivos de ordem interior e exterior se justificam pela intenção do artista na sua necessidade de reconhecimento por um público maior por meio da mídia gráfica, que no caso das ilustrações, inserem-se no mercado da indústria cultural.



Nessa relação do artista com a sociedade de consumo, podemos observar a propensão do artista em adaptar a sua produção às necessidades do mercado, teoricamente dirigida para a cultura de massas.

Para esclarecer a relação do artista com o mercado, tomo emprestadas as reflexões de Arlindo Machado (2001), em sua análise sobre o conflito da arte em submissão ao poder econômico. Ele opina que a arte submetida nessas condições tende a progredir de forma autônoma e institucionalizada, enquanto o artista adquire um estatuto social distinto, dando conseqüência ao projeto de cisão das esferas de especialidade, iniciado no século XVIII com o Iluminismo europeu. Por outro lado, a sua intervenção autônoma e espontânea deverá revelar-se fundamental para definir o novo contrato matrimonial entre a arte e a tecnologia que se dará em nosso tempo: uma adesão tensa, em que cada parte não se deixa mais dissolver na outra.

Zulmira Ribeiro Tavares, em uma entrevista com Maria Thereza Fraga Rocco (1992) sobre o ensino da literatura, respondeu que hoje, a necessidade da função catártica presente na literatura de índole humanística foi, em parte, transposta para outros veículos de comunicação. Explica que estes veículos, comprometidos com amplo mercado de trabalho, desenvolve-se em setores de produção nos quais a noção de “indústria” marca-os de forma mais explícita do que é marcada a literatura pela indústria do livro.

Porém, no momento em que as ilustrações e o texto literário derem as mãos, estes componentes poderiam incentivar a formação de novos leitores, sendo um convite para cativar um outro segmento social, ainda que pelo preço, continuem voltadas para um público de elite e inacessível ao público comum. É possível que o canal de acesso seja possibilitado apenas por bibliotecas públicas, museus e universidades.

Por conseguinte, acredito ser importante difundir a biografia de um artesão de vitrais e ilustrador estrangeiro pouco conhecido no Brasil, levando-se em conta o seu papel como instrumento difusor de obras plásticas e literárias. É paradoxal observarmos, que em plena era do poder das imagens se dá pouca ênfase às ilustrações na produção literária voltada ao público juvenil e adulto.

O livro impresso nos leva a repensar a moderna indústria do conhecimento e a materialidade da mídia livro, sempre sujeito à concorrência com a imaterialidade da mídia virtual, onde pode ser encontrado o conteúdo de um livro inteiro.

Assim sendo, embora não haja o risco da aniquilação total preconizada no filme *FAHRENHEIT 451*, de Truffaut, não podemos descartar a possibilidade das atuais gráficas e editoras tornarem-se obsoletas, o que seria outro desafio para os profissionais envolvidos com a produção deste meio impresso.

Para discutirmos acerca do problema levantado, retrocederemos no final do século XIX e início do século XX, período pelo qual foi conhecido como a era do ouro da ilustração. Esta abordagem tomará como estudo biográfico do artista Harry Clarke como uma maneira de visualizarmos a problemática dos desafios e conflitos com os quais se deparou. O estudo da trajetória deste artista justifica-se pela necessidade de uma interpretação sociológica conforme a proposta epistemologia histórica de Japiassu, que parte do pressuposto pelo qual o ser humano é a sociedade, onde o homem (e a sua criação) é compreendido no conjunto das relações sociais.

Portanto, é importante enfocarmos a sua produção na fase pós-artesanal, da série de ilustrações na produção literária e verificarmos em que medida a pintura de vitrais deu suporte para abarcar aquele novo meio de expressão artística.

Podemos apontar, a influência de alguns mestres da pintura, da gravura e da ilustração do final do século XIX como fontes de inspiração para as ilustrações de Harry Clarke. José Manuel Ventura Royas (2005), pesquisador em História na

Universidade de Córdoba, Espanha, observa que não devemos esquecer que Clarke configurou boa parte de seu estilo de seus desenhos inspirados nas obras de Beardsley, um ilustrador inglês.

As propostas estéticas da época que mais pesaram no trabalho do artista foram a Art-Nouveau e a herança do simbolismo. Segundo Royas, diferentes estilos serviram como fonte de inspiração. Para ilustrar *Ofélia*, de Hamlet, por exemplo, buscou diversas obras plásticas de artistas para produzir a sua releitura, tais como a gravura *A mulher do pescador e o polvo*, de Hokusai Katsushika, a pintura *Serpentes aquáticas II*, de Gustav Klimt e a pintura *Ofélia*, de John Everett Millais.

Misticismo Celta, Simbolismo, Romantismo Nacional, Art Nouveau, todos alegaram uma influência na obra de Harry Clarke. Conforme as palavras de Nicola Gordon Bowe, ele foi chamado de Beadsley irlandês. Ele desempenhou um papel importante no Movimento *Arts and Crafts* na Irlanda, quer nas ilustrações em livros ou nas pinturas em vitrais. Sua arte é exibida como uma reminiscência intensa do misticismo religioso medieval. Este variou entre o belo sublime ao monstruosamente macabro, algo raramente encontrado no trabalho dos seus pares célticos.

Clarke viajou a Londres, onde procurou o emprego como um ilustrador de livro. Os contos de Christian Andersen foi o seu primeiro trabalho, impresso em 1916. Os mais bem sucedidos projetos no livro ilustrado em monocromia foram as ilustrações para os *Contos de mistério e da imaginação*, escrito por Edgar Allan Poe.

A sua relação com o trabalho artesanal nas pinturas em vitrais tornou as suas ilustrações ainda mais enriquecedoras, pois transportou a experiência de seu olhar aguçado na interpretação estética de textos bíblicos para textos literários.

A necessidade deste artista de assumir um novo meio para a sua expressão artística pode ser explicada dentro da questão do papel do artista e artesão que, no seu meio cultural, procura adequar-se aos novos sistemas de reprodução técnica para atender novos mercados. A feitura artesanal dos desenhos passa por um determinado número de reprodução para serem comercializadas em uma determinada escala. O desenho original reproduzido perde a idéia do “original”, por outro lado, ocorreu maior difusão cultural de seu trabalho com a literatura. Dessa maneira, o artesão Harry buscou ser reconhecido além do atlântico nesta fase pós-artesanal³, conforme os aspectos socioeconômicos analisados por WILLIAMS

(2000). Isto se tornou evidente com suas ilustrações para os contos de Edgar Allan Poe, que tornaram best-sellers internacionais após a sua primeira publicação em 1919.

Harry Clarke interessou-se avidamente pela arte e literatura européias do passado e do contemporâneo, sentindo-se enfim livre para extrair um vocabulário rico de imagens para descrever criaturas estranhas, nutridos por um espírito singularmente original e firme. Embora seu trabalho se relacione fortemente às imagens sacras, sua visão e a habilidade revelaram um apelo profano particular a muitos contemporâneos mais novos, como uma profecia de sua própria geração.

Notas:

1. Segundo Maria Thereza Fraga Rocco em sua entrevista com a crítica de cinema Zulmira Ribeiro Tavares, questionando os objetivos da literatura no ensino. Ver *Literatura / Ensino: uma problemática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. 286 p.217.
2. Nicola Gordon Bowe é conferencista em história da arte e desenho da Faculdade Nacional de Arte e Desenho em Dublin. Publicou em 1983 a obra - *Harry Clarke: His Graphic Art*. 1st Edition Mountrath & Los Angeles: Dolmen Press/H. Keith Burns 150 p. Tem publicações sobre as artes decorativas do início do século XX, especialmente sobre o renascimento das *Arts and Crafts*, vitralismo do início do século XX.
3. Termo adotado por Raymond Williams no capítulo sobre instituições, na relação entre artistas e mercados. Ver *Cultura*. Tradução por Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra S.A., 2000. 239 p.

Referência bibliográfica:

ALIGHIERI, Dante *Divina Comédia*, ilustrada por Gustave Doré. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1955. 350p. il.

ANDERSEN, H. Christian and PERRAULT, Charles. *The Fairy Tales of Hans Christian Andersen and Charles Perrault* – with illustrations by Harry Clarke. New York:

Illustrated Editions Company, 1930. 251 p. il

ANDERSEN, Hans Christian. *Histórias maravilhosas de Andersen*. Vários ilustradores. Compilado por Russell Ash e Bernard Higton. Tradução por Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995. 120.p. il.

AZEVEDO, Ricardo. *Pensando em ilustrações de Livros*. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov/com_a.php?t=007. Acesso em 24 de março/2008.

_____. *Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro*. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/Artigo05.htm>. Acesso em 24 de março/2008. 03p.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ____ *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*, p. 165. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOWE, Nicola Gordon. *The Life and Work of Harry Clarke*. First paperback edition. Irishi: Irishi Academic Press, 1994. 301 p.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COLYDER, Martin. *Como Encargar Ilustraciones*. Versión castellana de Eugeni Roseli i Miralles. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1994. 144 p. il.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *A Revolução da Cultura Impressa. Os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ática, 1998.

EL FAR, Alessandra. *A disseminação do livro popular nas últimas décadas do século XIX* In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. 8 a 11 de novembro de 2004. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/alessandraelfar.pdf>> Acesso em 16 jun.2006.

FILHO, João Gomes. *Gestalt do Objeto*. Sistema de Leitura Visual da Forma. 6 ed. São Paulo: Escrituras, 2004.

FREIRE, Marcelo Ghizi. *Lendo a Ilustração ou Ilustrando a leitura*. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL. Realização: FCRB – UFF/PPGCP-UFF/LIHED, 2004. Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marceloghizifreire.df_>. Acesso em 22 set/2007.

LIMA, Yone Soares de. *A Ilustração na Produção Literária*. São Paulo – década de vinte. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1985. 258p.il.

LINS, Guto. *Livro infantil?* Coleção TextosDesign. Projeto gráfico e capa Cláudio Ferlauto. São Paulo: Edições Rosari Ltda, 2002. 93 p. il.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e o Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas*. 3ª ed. S.Paulo: EDUSP, 2001.

MAHONY, William O'. *General Information* (informações gerais sobre H. Clarke). Disponível em <http://www.artguide.org/artists.php?id=65490A> Acesso em 20 fev/2007.

MUNARI, Bruno. *Design e Comunicação Visual*. Tradução Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 350p. il.

NORMOYLE, Karen. *O feminino no trabalho de Harry Clarke*, agosto de 2005. Disponível em <<http://www.nocloo.com/gallery2/v/harry-clarke-year-spring/> - 43k .> Acesso em 28 de dez/ 2007.

NORONHA, Alessandra Paula de. *As funções de linguagem e as funções de imagem: o desvendar das obras contemporâneas como construção do objeto novo*. 2001. 100 p. il.(Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2001.

Offaly históricos e arqueológicos Society, 2006. Disponível em:<<http://www.tullamoreparish.ie/content/category/10/48/171/>> Acesso em 10 de março/2007

O' Mahony William. *General Information* Disponível em:<<http://www.artguide.org/artists.php?id=65490A>> Acesso em 10 dez/2007

PRAZ, Mario. *Literatura e Artes Visuais*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: ultrix: Editora da USP, 1982. 255 p. : il..

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Literatura/Ensino: uma problemática*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. 286 p.

ROJAS, José Manuel Ventura. Harry Clarke(1889-1931).*Algunas perspectivas en torno a su obra*. Disponível em: <[http://www.noseolvida.com\(julio2005\)](http://www.noseolvida.com(julio2005))>. Acesso em 22 de set. /2005.

SILVA, Sara Reis. *Quando as palavras e as ilustrações andam de mãos dadas: aspectos do álbum narrativo para a infância*. Disponível em: <[195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_palav_ilustra_a_C.pdf_\(06p.\)](http://195.23.38.178/casadaleitura/portalpha/bo/documentos/ot_palav_ilustra_a_C.pdf_(06p.))>. Acesso em 24 de març/2008.

SHAKESPEARE, Willian. *Le songe diurne nuit d'éte*. Illustration Arthur Rackham. Hérissé Évreux, France: Edition Coretin, 1994. 141 p. il.

TOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução do Grupo de Estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PURCS. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VADEBONCOEUR JUNIOR, Jim. *Harry Clarke*(november 2005).Disponível em:<<http://www.bpib.com/illustrat/clarke.htm>>. Acesso em 12 de out. de 2005.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Tradução por Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra S.A., 2000. 239 p.

GALERIA DE IMAGENS VIRTUAIS:

ANDERSEN, Hans Christian. *Fairy Tales*. Ilustrado por Harry Clarke. New York: Brentano, quinta avenida e 27a rua n.d. [1916] Disponível em: www.nocloo.com/gallery2/v/harry-clarke-year-spring/ - 43k. Acesso em jan/2006

<http://www.cafepress.com/grandmagraphics/122512> - 25k. Acesso em 27 de jan.de 2007.

<http://www.crawfordartgallery.com/OtherMedia/HClarke.html> - 9k - Acesso em 28 de jan. de 2007.

<http://www.grandmasgraphics.com/clarke5.htm>____(bonnie@grandmasgraphics.com.) Acesso em 28 de jan. de 2007.

<https://www.nationalfilmnetwork.com/store/ProductDetails.aspx?ProductID=225&VDS=1>

<http://rocbo.chez-alice.fr/illus/hclarke/index.htm>. Acesso em 29 de dez/2006.

Filmografia:

FAHRENHEIT 451 *Gênero*: Ficção Científica. *Direção*: François Truffaut. *Produção*: Lewis M. Allen *Roteiro*: Jean-Louis Richard e François Truffaut, baseado em livro de Ray Bradbury Com Oskar Werner, Julie Christie, Cyril Cusack, Anton Diffring, Fabian, Jeremy Spenser e Alex Scott *Música*: Bernard Herrman. trilha sonora: Bernard Hermann *Direção de Arte*: Syd Cain *Produção*: Lewis M. Allen A.Direção de

fotografia: Nicholas Roeg. Realização: Estúdio Anglo Enterprises / Vineyard Inglaterra, 1966. *Tempo de Duração*: 112 minutos

HARRY CLARKE- DARKNESS IN LIGHT. Gênero: documentário. *Direção e roteiro*: John Doherty. *Produção*: Catharine Lyons, por Camel Productions (Dublin, Irlanda). Edição: Decland MacGrath. Tempo de duração: 52 minutos.

Currículo Resumido:

Teresa Midori Takeuchi é professora da rede municipal de ensino em Osasco. Mestre em Artes Visuais na UNESP, especialização no Centro Universitário Belas Artes- Programa Especial de Formação Pedagógica. Graduação no Instituto de Artes da UNESP - Bacharelado em Artes Plásticas

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.